



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO XI • Nº 25 • 2009



Ascensão dos museus no Brasil

páginas 4 e 5

editorial

A política de proteção patrimonial no Brasil percorreu caminhos quase ignorados. O que parece muito evidente hoje não corresponde à realidade. Quais os primeiros passos empreendidos nessa área? O Museu Nacional foi implantado na Quinta da Boa Vista, à chegada de D. João VI, e o Museu Histórico Nacional, ao ser esvaziado em 1922 o prédio da Praça Marechal Âncora, construído para a Exposição Internacional encerrada naquele ano. O primeiro acolheria uma coleção antropológica de significação mundial e o segundo reuniria acervo dos mais notáveis; sobre a cultura do país, que vinha sendo reunido por Gustavo Barroso. Nesse seria criada ainda a Inspetoria dos Monumentos Nacionais, para identificação e defesa dos monumentos das cidades coloniais.

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, constituído logo a seguir, alicerçado em bases progressistas sob a influência da Semana de Arte Moderna de São Paulo, sucedeu com vantagem a Inspetoria, órgão de inspiração integralista, uma vez que Barroso era destacado dirigente do partido de Plínio Salgado. Na fase preparatória de lançamento da nova repartição, que teria Rodrigo Mello Franco de Andrade como presidente fundador, foi realizada ampla pesquisa sobre as edificações de pedra e cal, expressão usada a ponto de se tornar lugar comum e acabar representando verdadeira baliza definidora de rumo para um trabalho que passaria a especializar-se. O interesse se voltava inteiro para a arquitetura e os profissionais dessa especialidade seriam convocados com exclusividade quase absoluta. Desta forma, ficou definida também a direção de praticamente a totalidade das verbas que o orçamento da República destinaria para o setor.

Mário de Andrade, que em São Paulo colaborara ativamente naquela pesquisa histórica inicial, trabalhou contra as suas convicções de autor do projeto encomendado pelo ministro Gustavo Capanema para a estruturação do órgão do Patrimônio. As ideias com as quais comungava e apresentou no documento não eram em absoluto excludentes. Ele defendeu a necessidade da organização de museus e recomendou a preservação das festas populares, o que em nossos dias se denomina patrimônio imaterial.

Ao assumir a presidência do IPHAN, Aloísio Magalhães se empenhou na recuperação integral do projeto de Mário de Andrade. O museu entrou na ordem do dia, a partir dali. O que aconteceu com a criação do IBRAM e o profissionalismo com que se vem fazendo o registro da produção cultural livre das comunidades – mais sociológica do que tudo –, significa a consagração de dois nomes fundamentais da cultura brasileira: Mário de Andrade e Aluísio Sérgio Magalhães.

Capa:

VISÃO DO PATAMAR DA ESCADARIA INTERNA.
MUSEU DA INCONFIDÊNCIA
FOTO ALDO ARAÚJO

isto é inconfidência

ANO XI • Nº 25 • 2009

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Juca Ferreira

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IBRAM - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

trimestral

Projeto Gráfico

Laís Freire dos Reis

Editor

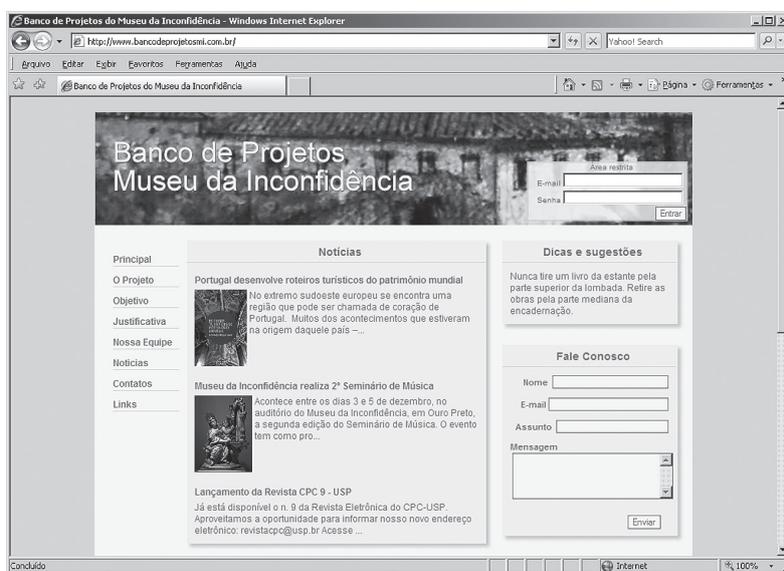
Rui Mourão



ibram
instituto brasileiro de museus

Ministério da Cultura **BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Mais internet no Museu



Os orçamentos sempre insatisfatórios da cultura invariavelmente têm que ser suplementados pelo financiamento externo. Procurando se adaptar para enfrentar melhor essa realidade, o Museu da Inconfidência criou um instrumento inovador: o Banco de Projetos.

Após a análise das condições internas da casa, chegou-se à conclusão de que, devido à variedade temática das seções, setores e áreas, seria conveniente apelar para um recurso que possibilitasse maior integração da equipe, promovendo parcerias entre os idealizadores de trabalhos a serem encaminhados para captação de recursos externos.

Apesar de o Inconfidência se ver contemplado praticamente com a totalidade do que anualmente solicita ao Instituto Brasileiro de Museus, seu corpo técnico tem consciência de que o potencial de realização de ações de alta qualidade constitui meta que deve ser ampliada a cada dia. É dessa forma que os patrocínios extramuros, viabilizados através de editais de fomento, vêm ao encontro da busca por excelência de uma instituição que aspira poder ampliar continuamente os serviços que presta à sociedade.

O novo instrumento

Estruturado a fim de funcionar como diversificada rede de informações dentro da instituição, o Banco de Projetos Museu da Inconfidência visa orientar os autores de projetos na formatação do produto final. Pretende também levar aos avaliadores uma proposta de qualidade, que justifique a associação da empresa à imagem do

Museu, garantindo o atendimento com retorno satisfatório. Será, por outro lado, de grande ajuda para o desenvolvimento das metas previstas no Plano Museológico, permitindo rápido acesso às informações dos projetos a implantar.

Resultados esperados

Além da criação do Banco de Projetos Museu da Inconfidência, em fase de ajustes finais, o maior desafio ainda está a caminho. A implantação dessa tecnologia terá que conquistar adeptos no que diz respeito ao seu formato e conteúdo, permitindo que sejam vencidas as dificuldades que naturalmente aparecem na implantação de novo *software* em uma instituição.

O banco de dados trouxe um diferencial para o trabalho do corpo técnico, representado pela atualização permanente das informações e o atendimento em tempo real por parte da administradora do mesmo, que fará a disponibilização de lista de fornecedores de produtos e serviços para consulta e escolha dos proponentes dos projetos, dados dos funcionários, documentos, imagens, recursos multimídia, notícias *on line*, dicas gerais, sugestões para o preenchimento de formulários, indicação de links, entre outras *ferramentas* que permitirão uma completa interatividade entre os usuários do sistema. O endereço para quem deseje mais informações é www.bancodeprojetosmi.com.br.

JANINE MENEZES Y OJEDA
MUSEÓLOGA

Nomeado Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos anos setenta, Aloísio Magalhães, logo revelaria, a missão de que se achava investido ultrapassaria de muito os limites da repartição. Articulado com o general Golbery do Couto e Silva, à época ministro da Casa Civil da Presidência da República, trazia a incumbência de preparar as bases para a criação do Ministério da Cultura, projeto que se estenderia no tempo e só seria concluído após a sua morte.

A primeira providência que aventurou foi a de renovar o órgão de proteção patrimonial, até ali comprometido com uma visão elitizante de cultura. A guinada empreendida se fez no sentido de incorporar a participação popular; no entendimento de que o habitante das cidades era o melhor guardião do passado histórico e artístico a ser transmitido às novas gerações. Impunha-se,

Ruy Barbosa, Fundação Joaquim Nabuco –, e dar assistência a 1.200 particulares, número levantado com a ajuda do IBGE. A gestão passou a ser de responsabilidade do IPHAN a fim de que, pela via da Pró-Memória, dispusesse de maior liberdade operacional.

Aspiração antiga dos profissionais desse campo, que sobrevivia há anos entregue ao abandono e ao descaminho, por falta de proteção que lhe garantisse condições mínimas de sobrevivência, o estabelecimento de uma política de administração em termos associativos representou uma tomada de posição do poder público destinada a ser, para o futuro, definitiva.

A ação do Programa logo ganharia visibilidade no país. Um projeto de revitalização de unidades começou a atender instituições na amplitude do país, fossem elas oficiais ou não. As casas recebiam organização completa, na hipótese de serem apenas um imóvel e um acervo ainda

Ascensão dos museus no Brasil



além disso, para ampliar possibilidades, buscar a contribuição financeira da sociedade e imprimir dinamismo a uma estrutura funcional que tendia para o imobilismo. A saída seria criar a Fundação Nacional Pró-Memória, dependência auxiliar, de natureza civil, em condições de captar recursos e administrá-los de forma desburocratizada. O passo seguinte o levaria a constituir uma Coordenadoria de Cultura, que deveria pairar acima dessas instituições, um guarda-chuva de ambição totalizadora, aberto para articular, no âmbito do país, o universo inteiro dos setores de produção e representação cultural.

Passo inicial

Para começar a pensar uma área que andava completamente dispersa, organizou-se o Programa Nacional de Museus, com a incumbência de coordenar 44 unidades oficiais – do IPHAN, FUNARTE, Fundação Casa de

não aberto ao público. Se o caso fosse diferente, recebiam melhoramentos. Cuidava-se quase sempre da conservação e restauração de peças, reformulavam-se exposições, processavam-se tecnicamente e higienizavam-se arquivos históricos existentes, ampliava-se o quadro de servidores, que passavam a ser devidamente treinados, estabeleciam-se condições de segurança e implantava-se atividade educativa. Criado um boletim, começou-se a divulgar a literatura especializada, numa época em que existia um único curso de museologia funcionando no Rio de Janeiro, e organizou-se um corpo técnico de especialistas de grande mobilidade, para atendimento a solicitações que chegavam das mais diversas regiões. Cuidado especial se deu à questão pedagógica, que além de revincular o museu à sua comunidade imediata, criava uma consciência voltada para a preservação. Realizado um seminário internacional de educação sob os auspícios

da OEA, elaborou-se cartilha que passou a ser instrumento de campanha de dinamização a nível nacional.

Ação de envergadura

Devido a problemas há décadas acumulados, o conjunto das grandes instituições do Rio de Janeiro estava a exigir urgente intervenção. No Museu Histórico Nacional, foi aplicado profundo choque de gestão, com o afastamento do diretor, expurgo geral no corpo de funcionários e início de uma obra de modernização que se prolongou nos anos, vindo a se completar nos dias atuais. O Museu da República, até ali mera dependência dele, ganhou autonomia e recebeu idêntico tratamento. O Museu da Estrada do Açude, projeto que se eternizava na Fundação Castro Maia, foi aberto. O Museu Nacional de Belas Artes teve apoio principalmente para completar a obra de recuperação do edifício. E o Museu Villa-Lobos, transferido para a sede atual, pôde instalar-se com dignidade.

Momento de transição



Funcionando dentro do IPHAN, com recursos e perspectivas limitadas, além de apenas contar com proteção de um Ministério que à época era da Educação, não da Cultura, o Programa Nacional de Museus acabou sendo encerrado. Ulisses Guimarães, político de grande influência, interferiu desejando substituí-lo por um Sistema Nacional de Museus, projeto de sobrinha que, por motivos pessoais, logo desistiria de assumi-lo. A consequência foi que o ente criado surgiu cercado pela frustração e acabou determinando uma recomposição geral na área. Apareceu uma Coordenadoria de Museus, no IPHAN, para cuidar dos órgãos pertencentes ao governo federal, e o Sistema Nacional de Museus, com sede em Brasília, ficou responsável pelas restantes unidades do país. A Coordenadoria se esforçou para completar a obra iniciada nas instituições que estiveram diretamente vinculadas ao Programa, mas o novo órgão, por falta de

apoio verdadeiro, só fez definhar. Não chegou a realizar aquilo a que se propusera. Vicejou um braço no Rio Grande do Sul, que articulando museus localmente, conseguiu resultados satisfatórios.

Abertura para o futuro

No momento em que Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República, a área museológica, no geral ainda entregue ao subdesenvolvimento, já havia conquistado grande visibilidade, a ponto de ser apresentada como vitrina do segmento de preservação patrimonial brasileira. A equipe que se encarregaria da administração cultural, encabeçada pelo ministro Gilberto Gil, chegou disposta a levar às últimas consequências a evolução de um setor que estava longe de esgotar o que prometia. E teve a sabedoria de trazer, do Rio de Grande do Sul, José do Nascimento Júnior, antropólogo que, além de pertencer à corrente política vitoriosa, havia realizado a experiência de bom resultado naquele estado.

A tarefa a ser enfrentada seria a de recriar o Sistema Nacional de Museus, que se perdera a meio caminho, da mesma forma que o Programa Nacional de Museus, ambos por falta de verdadeira sustentação política de base. Ao ser alçado à liderança de um programa admitido como de governo, José do Nascimento Júnior ficou em condições de movimentar o conjunto das agências e mecanismos financiadores da cultura, podendo dar sequência ao trabalho de revitalização dos grandes museus oficiais, e teve a sabedoria de inaugurar uma temporada de editais que logo se multiplicaria pelo país. Mudança profunda ocorreu no panorama museológico. O setor acabou se impondo como uma das pontas de lança da evolução cultural do país. Ao mesmo tempo em que patrocinava oficinas de toda natureza para a melhoria das condições operacionais das instituições, o Sistema Nacional de Museus tomou a iniciativa de promover encontros internacionais, com o objetivo de oferecer seu modelo aos latino-americanos da nossa vizinhança, com raras exceções, muito necessitados de avançar no sentido da modernidade.

O reconhecimento dessa obra não demorou a se impor. Depois de conquistar posição de prestígio dentro do IPHAN e assumir o cargo para ele criado, de Diretor do Programa de Museus e Casas Históricas, José do Nascimento Júnior conduziu vitoriosa articulação política junto ao Congresso Nacional e a Presidência da República, criando o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, órgão equiparado, em importância, à repartição de onde basicamente provinha, o Instituto do Patrimônio. Foi quando o museu se consagrou como partícipe da obra de construção nacional.

RUI MOURÃO

Mesmo não tendo alcançado o prestígio de José de Alencar e a popularidade de Joaquim Manuel de Macedo, contemporâneos de produção literária, Bernardo Guimarães (1825-1884) foi escritor conceituado perante a crítica e bem aceito pelo público. Seus romances *A escrava Isaura*, *O ermitão de Muquém*, *O seminarista* e *O garimpeiro* continuam editados, confirmando o interesse do leitor. Embora não fugindo aos princípios da escola romântica, o autor ouropretano manteve independência e construiu obra com características eminentemente brasileiras. Uma rápida incursão pelo seu universo ficcional revela o domínio dos cenários rurais, com enredos centrados em lendas, histórias e superstições da ingênua gente do campo. Há nele um bucolismo de “gorjeio de aves e o cantar do galo, o rio do largo, o sol, o umbroso valo, campos e serras e despenhadeiros”, como bem assinalou o poeta Leôncio Correia, no soneto que lhe dedicou.

O derradeiro livro publicado em vida, entretanto, não traz paisagens e tipos sertanejos como os demais. As cenas de *Rosaura*, a enjeitada, passam-se na capital paulista da primeira metade do século XIX, coincidindo com o período em que o escritor ali residiu. Traços autobiográficos e



Nas poucas cenas em que aparece no romance, o “triumvirato” – como eram conhecidos, – movimentava-se em atividades corriqueiras de acadêmicos planejando divertimentos, escassos numa cidade em que, “embora assaz populosa e núcleo de grande movimento intelectual, parecia respirar-se ainda a aura tradicional dos tempos de Amador Bueno”. Salva-os do marasmo o convite para passeio a uma chácara na freguesia de Nossa Senhora do Ó. Na propriedade do major Damásio, que se jactava de origens nobres que não possuía, os rapazes disputam, sem êxito, as graças da filha, muito linda. Frustrados, armam intrigas e, logo em seguida se retiram do cenário, quando o romance se envereda por intrincada trama de paixões clandestinas e amores contrariados,

em clima de alta densidade dramática.

Parecerão curiosas ao leitor de hoje as descrições da vida na Piratininga da época, quando as atividades econômicas e sociais se distribuíam pelo centro, as famílias mais abastadas residiam nas ruas Direita e São Bento, sendo que bairros como Consolação e Santa Ifigênia eram considerados distantes. Difícil imaginar os “vargados do Tietê” como palco de “serenata de pescadores ou estudantes que, aproveitando a serenidade da noite e a beleza do luar, sulcavam as águas preguiçosas do rio paulistano ao som de barcarolas e instrumentos.”

Bernardo Guimarães paulistano

descrições da tranquila Paulicéia de então permeiam as páginas do romance, embora a intenção fosse apenas contar dupla e comovente história de amor. A monotonia em que viviam os 30 mil habitantes do burgo provinciano só era interrompida pelas agitações dos moços da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Oriundos de todos os pontos do país, eles distribuíam-se em grupos por numerosas “repúblicas”, os núcleos de concentração da classe estudantil. Participavam desse ambiente os mineiros Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, amigos íntimos de outro poeta acadêmico, Álvares de Azevedo. Os três aparecem nos capítulos iniciais, mal disfarçados sob os pseudônimos de Belmiro, Aurélio e Azevedo. E ainda que estivessem mais ocultos, fácil seria identificá-los pela descrição feita por seus biógrafos. Principalmente Bernardo, descuidado no trajar, tocador de violão e intérprete de modinhas.

O enredo de *Rosaura*, a enjeitada tem toques rocambolescos, com recém-nascida que, abandonada por não ser fruto “consagrado pelos laços do matrimônio”, mais tarde é identificada por sinal de nascença, após ter sido vendida como escrava à própria mãe. Com habilidade, o artista vai assentando peças espaçadas, para depois, em ritmo acelerado, juntá-las na conclusão do painel colorido. A mesma técnica copiada mais tarde pelas novelas de rádio e, atualmente, pelas de televisão, inclusive com o concurso de coincidências na armação do final feliz.

Adaptado para vídeo, o romance de Bernardo Guimarães se transformaria em sucesso, porque as novelas de época sempre agradam ao público. E teria, como consequência, alavancar a republicação do livro de autor consagrado, contribuindo para o estímulo do hábito salutar da leitura.

RUI RIBEIRO

Oficina de Capacitação e Relações Interpessoais no Museu da Inconfidência

Dias 1, 2 e 3 de dezembro de 2009, das 8h às 11h00.

Destinada aos funcionários da instituição, a oficina estuda as relações interpessoais por meio de uma experiência vivencial de alto impacto. A atividade tem foco no fortalecimento da convivência, da comunicação e das formas eficazes de atuação dos servidores da unidade, conforme estudos de psicologia do americano Carl Rogers.

II Seminário de Música do Museu da Inconfidência Auditório, Anexo I • Dias 3, 4 e 5 de dezembro de 2009.

O evento tem como proposta o intercâmbio entre instituições federais ligadas ao Ministério da Cultura possuidoras de acervos documentais e instrumentos musicais, privilegiando ações que visam facilitar o acesso e implementar a pesquisa.

Programação:

Dia 3/12, às 20h: abertura e concerto

Dia 4/12, das 9 às 12h e das 14 às 19h: comunicações individuais

Dia 5/12, das 9 às 12h: discussão de políticas de catalogação e disponibilização de acervos com a presença de pesquisadores convidados

Oficina Tiradentes: o corpo do herói

Dia 10 de dezembro de 2009, a partir das 10 h.

Ministrada pela professora Maria Alice Milliet, a oficina é destinada aos funcionários do Inconfidência, porém haverá vagas abertas ao público em número limitado.

Exposição de Curta Duração

“200 faces de Jesus de Nazaré”

Sala Manoel da Costa Athaide

Abertura: 11 de dezembro de 2009, às 20h30

Período: de 12/12/2009 a 07/02/2010

Visitação: de terça a domingo, das 12 às 17h30

Na sua última mostra, o artista plástico Petrônio Bax, em trabalho inédito, surpreenderá com grande paixão, 200 faces de Cristo, sem uma única repetição.

Nascido em Carmópolis de Minas, a 11 de maio de 1927, estudou desenho e pintura com Guignard. Em 1949, foi eleito o primeiro Presidente do Diretório Acadêmico da escola fundada pelo mestre, em Belo Horizonte. Poeta e membro fundador da Academia de Letras de Divinópolis, artista plástico, que comemorou 60 anos de produção no ano passado, teve sua obra marcada por grande inspiração mística. Faleceu no último dia 19, quando se preparava para essa exposição.

Cineclubes Museu da Inconfidência

Auditório, Anexo I • 18/12/2009 – às 19h30

Filhos da Esperança (Children of men)

Direção de Alfonso Cuarón

Com Juliane Moore, Clive Owen, Michael Caine

EUA / 109 min. / drama / 16 anos

Terra, 2027. A humanidade está condenada à extinção após misteriosa onda de esterilidade que assola o planeta. Sem crianças, o mundo se torna um ambiente hostil e sombrio. Um burocrata desiludido será o responsável pela vida da única mulher grávida e a criança que ela carrega poderá ser a salvação da humanidade. Filme selecionado para o festival de Veneza e indicado ao Oscar.

Avaliada a publicação Isto é Inconfidência, a mesma foi considerada muito importante pelo nosso corpo docente.

BEATRIZ MARQUES • PUC MINAS – SETOR DE PERIÓDICOS

É com muito prazer que acusamos o envio da publicação Isto é Inconfidência, ano XI, nº 24. Recebam, mais uma vez, nossos sinceros agradecimentos.

SANDRA LÚCIA PINHO • BIBLIOTECA DO MUSEU IMPERIAL

Gostaria de dar parabéns aos organizadores do Museu da Inconfidência. Está simplesmente lindo.

ISABEL CRISTINA BURGER

Amei o Museu, principalmente a sala dos Oratórios e a do Aleijadinho. Parabéns!

NAYANNA BATALHA • ARACAJU – SE

Parabéns pela organização do Inconfidência. Também pela cortesia e conhecimento dos seguranças. Tudo perfeito. Nosso Museu está tão bom, ou até melhor, do que outros pelo resto do mundo.

IRIS BERLINCK

Belíssima toda a obra! Parabéns pelo conjunto apresentado e pela conservação do espaço, que sem dúvida é o mais rico do Brasil no que diz respeito a arte barroca.

LAERTH LOPES

Gostaria de dar parabéns pelo lindo museu que visitei. Conheço a maioria das instituições museológicas do mundo e fiquei impressionada com o que temos aqui tão perto.

MIRTHA SUSANA GURGEL • SÃO PAULO

Agradeço, em nome do Colégio Arquidiocesano, o convite enviado e cumprimento pela inauguração do sistema de iluminação externa, do Cineclubes e da Loja e Café. Peço a Deus proteção para as atividades do Museu, que conserva parte importante do acervo mineiro.

PE. PAULO DILASCIO • DIRETOR DO COLÉGIO ARQUIDIOCESANO DE OURO PRETO

Parabéns ao Museu da Inconfidência pela inauguração da Loja e Café, da iluminação externa do prédio e do Cineclubes. E sobretudo, pelos 65 anos dessa conceituada instituição.

DOUGLAS FASOLATO • DIRETOR SUPERINTENDENTE DA FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

As excelentes iniciativas agora entregues ao público realçarão ainda mais o Museu da Inconfidência, marco da museologia nacional. A satisfação de seus visitantes é fruto do trabalho de toda a equipe. Meus sinceros votos de contínuo sucesso.

ROSANE CARVALHO • MUSEÓLOGA

Chegando a Ouro Preto, deparei-me com a nova iluminação externa do Museu. Uma maravilha!

CARLOS ALBERTO PINHEIRO • PROFESSOR, OURO PRETO

A Loja ficou belíssima. Trata-se de um comércio diferenciado em Ouro Preto.

EDUARDO TROPIA • FOTÓGRAFO, OURO PRETO

O Governador Aécio Neves agradece o atencioso convite para a solenidade de inauguração da Loja e Café, da iluminação externa do prédio da Casa de Câmara e Cadeia e do Cineclubes. Cumprimentos a todos, com votos de sucesso para o evento.

FREDERICO PACHECO DE MEDEIROS • SECRETÁRIO GERAL DO GOVERNADOR

Agradeço o convite para a solenidade de inauguração da Loja e Café, da iluminação externa do prédio da Casa de Câmara e Cadeia e do Cineclubes Museu da Inconfidência. Parabéns.

JOÃO LUIZ MARTINS • REITOR DA UFOP

Parabéns à instituição pelos seus 65 anos e pela inauguração da Loja e Café, da iluminação externa do prédio e do Cineclubes.

EUGÊNIO FERRAZ • GERENTE REGIONAL DO MINISTÉRIO DA FAZENDA EM MINAS GERAIS

Em meu nome e no de todos do Museu Histórico Nacional, nos unimos a vocês na celebração que conjuga anos de vida com uma competente equipe.

VERA TOSTES • DIRETORA DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

O Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto cumprimenta pelos 65 anos da instituição.

ANTÔNIO LUCIANO GANDINI
DIRETOR DO MUSEU DE CIÊNCIA E TÉCNICA DA ESCOLA DE MINAS DA UFOP

Doações

Dona Mariza, mulher do vice-presidente José Alencar, doou um conjunto de esculturas sacras ao Museu. Originárias da Bahia e do Maranhão, as imagens em madeira polícromada e dourada são Nossa Senhora da Conceição, São José, ambas do século XIX, e Menino Jesus, do século XVIII. Honrado pela preferência que lhe foi dada, o Inconfidência louva o gesto de interesse pela preservação do patrimônio brasileiro.

Doações II

Doze peças do século XIX, relacionadas com o ofício de carpintaria, foram repassadas ao Museu por Antonio Lobo Leite, cidadão ouropretano. As ferramentas contribuíram para a confecção de balaústres em templos religiosos da cidade. Em fase de inegável favorecimento, o Inconfidência ganhou do artista plástico carioca Alex Gama, que expôs recentemente na Sala Manoel da Costa Athaide, uma xilogravura estrutural intitulada Highgate.

PAC

Escolhida para lançamento do PAC das cidades históricas, Ouro Preto foi palco de evento de grande porte, que movimentou autoridades federais, estaduais, municipais e atraiu numeroso público. Estiveram presentes o presidente Lula, os ministros Juca Ferreira, Dilma Rousseff e o governador Aécio Neves. O Museu acabou envolvido, tendo sido montada, no seu interior, estrutura para utilização tanto do presidente quanto da comitiva.

Primavera de Museus

Oficinas de flores e tambores artesanais, exposição, caminhada ecológica, exibição de filmes, apresentação de dança folclórica, sorteio de camisetas e distribuição de velas decorativas integraram a programação da Primavera de Museus do Inconfidência. Destaque foi a esquete do Grupo de Bonecos Giramundo, "Tiradentes – Uma História de Têxeres e Marionetes", encenada no pátio interno. Em sua terceira edição, o evento teve como tema "Museus e Direitos Humanos".

Gael de Guichen

O Museu recebeu, em outubro, a visita do Presidente Honorário do Centro Internacional de Estudos para Conservação e Restauração de Bens Culturais – ICCROM, Gael de Guichen. O pesquisador francês é hoje referência mundial na área em que atua. De passagem por Ouro Preto, para ministrar palestra no III Seminário do Patrimônio Cultural: Conservação e Restauração no século XXI, da Fundação de Arte de Ouro Preto, ele fez exaltados elogios à exposição permanente e à Reserva Técnica do Inconfidência.

Oficinas pedagógicas

Na tentativa de expandir suas ações, tornando-as acessíveis a moradores de outras localidades, a Área Pedagógica do Inconfidência realizou, recentemente, oficinas no distrito ouropretano de Miguel Burnier e na cidade de Lagoa Santa. A

primeira atividade teve como objetivo estimular nos moradores o sentimento de pertencimento, ao destacar o valor histórico e patrimonial do lugar. Já a segunda, apresentando peças originais do acervo do Museu, tratou de despertar nos alunos a noção do objeto museológico como um bem coletivo, capaz de revelar a história de uma sociedade.

Visitas guiadas

Para aqueles que desejam tornar ainda mais proveitosa a visita ao Inconfidência, a instituição disponibiliza visitas orientadas por monitores, sem acréscimo de preço no ingresso. A iniciativa procura atender a uma demanda crescente dos que não contratam guias, mas buscam enriquecer sua passagem pelo Museu com uma orientação especializada. Quatro possibilidades de roteiros estão disponíveis: Vida Política, Vida Social, Arte Religiosa e Origem e Espaço. O serviço pode ser solicitado no saguão do Museu. A iniciativa, voltada para o público espontâneo, é um acréscimo às ações já desenvolvidas pela Área Pedagógica, que realiza há anos visitas orientadas para grupos diversificados, mas com agendamento prévio pelo telefone (31) 3551-1378.

Música

O Setor de Musicologia acaba de publicar os anais do seu primeiro seminário, dedicado ao estudo das bandas de música, atividade realizada em agosto do ano passado. A publicação reúne trabalhos de estudiosos do Brasil e do exterior.